

Sergio Moro diz à ¡(H)Ola Compliance! que a Operação Lava Jato despertou um “Novo Espírito” de Compliance no Brasil

Neste episódio do podcast ¡(H)Ola Compliance!, o ex-ministro da Justiça brasileiro, [Sergio Moro](#), descreve a Operação Lava Jato como um “game changer” para o compliance anticorrupção no Brasil. Falando com [Matteson Ellis](#) e [Gregory Bates](#) de Miller & Chevalier, Moro, quien actualmente es de Miller & Chevalier, Moro, quem atualmente é Diretor na Alvarez and Marsal na área de Investigações, identifica “um novo espírito das empresas brasileiras em relação às políticas de integridade”. O ex-juiz federal explica que, antes da Lava Jato, as empresas inclinavam-se a negar a responsabilidade por crimes corporativos e poucas procuravam cooperar com as autoridades no contexto das investigações. Ele diz que, atualmente, desenvolver programas de integridade corporativa é uma tendência em alta no Brasil.



Os dados confirmam as afirmações do Moro. As Pesquisas sobre Corrupção na América Latina da Miller & Chevalier para [2016](#) e [2020](#) revelam um aumento significativo do interesse em compliance corporativa no Brasil desde o início da Operação Lava Jato em 2014. Na pesquisa de 2016, o Brasil teve o maior porcentagem de entrevistados em toda a região que afirma que a importância da prevenção à corrupção aumentou em suas empresas nos últimos cinco anos, com 81% respondendo sim, em comparação com a média regional de 71%. Em 2020, enquanto outros países da região também iniciavam suas transições em busca da compliance, o Brasil permaneceu perto do topo, com 80% dizendo que a importância da compliance aumentou nos últimos 5 anos, em comparação com a média regional de 65%.

As autoridades brasileiras sabem como detectar a “fake compliance”

Moro descreve as autoridades brasileiras como capazes de avaliar os programas de compliance corporativa com alto grau de sofisticação. Ele diz que “o elemento de efetividade” do programa de uma empresa é fundamental: “As políticas são consistentes? ... Elas funcionam na prática?” Ele explica que os programas devem ser dinâmicos e que as autoridades brasileiras são capazes de detectar quando o compliance é mera “fachada”, o que ele chama de “fake compliance”. Ele acrescenta que as autoridades adotam abordagens distintas ao avaliar os programas. Por exemplo, o nível de complexidade que se espera do programa vai depender do tamanho e da natureza da empresa: “Não pode ser o mesmo que seja exigida numa grande empresa, e empresas de medio market, o mesmo das pequenas empresas”.

A onda anticorrupção na América Latina não cessará

Moro diz à ¡(H)Ola Compliance! que a Operação Lava Jato deu início a uma onda anticorrupção no Brasil e na América Latina e “esse movimento continua”. Ele explica que, assim como o Brasil, outros países latino-americanos adotaram leis que estabelecem a responsabilidade corporativa por atos de corrupção. Ele reconhece que o movimento sofreu retrocessos recentemente, descrevendo-os como “uma grande pena”. Mas acrescenta: “Na minha opinião, é um movimento que não vai parar porque existe uma tendência internacional”. A esperança que ele expressa em relação a uma onda contínua é notável, dado que Moro renunciou a seu cargo de Ministro da Justiça em 2020, criticando duramente o que ele viu como a politização do Ministério da Justiça pelo Presidente brasileiro Jair Bolsonaro.

O otimismo de Moro é compartilhado por outros na região, em particular nos países como o Brasil que fortaleceram suas leis anticorrupção nos últimos 10 anos. Na Pesquisa sobre Corrupção na América Latina de 2020, mais da metade dos entrevistados da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, México e Peru (países que fortaleceram suas leis anticorrupção para facilitar o processo judicial contra as empresas) acreditam que as leis anticorrupção estão tendo um impacto. Estes respondentes demonstram mais otimismo do que a média regional de 50%: Argentina (72%), Brasil (74%), Chile (59%), Colômbia (55%), Costa Rica (52%), México (68%) e Peru (63%).